

LE RAVISSEMENT DE LOL V. STEIN : ASPECTOS DE UMA INTERPRETAÇÃO PSICANALÍTICA

Profa. Dra. Maria Cristina Vianna Kuntz (USP)¹

RESUMO:

Le ravisement de Lol V. Stein de Marguerite Duras é um dos romances mais importantes e herméticos escritos pela autora. À primeira vista, a protagonista não passa de uma burguesa frustrada, abandonada pelo noivo. Entretanto seria Lol uma “doente mental” ou apenas uma mulher traída? A protagonista é uma das mais sedutoras personagens durassianas. Para compreender o romance de Duras, torna-se necessário recorrer a outros saberes. Neste caso, o recurso à Psicanálise revela-se fundamental no processo interpretativo. Portanto valendo-nos de conceitos freudianos e lacanianos, apresentaremos algumas pistas para deslindar um pouco do mistério de Lol e assim, aprofundarmo-nos na beleza deste romance.

PALAVRAS-CHAVE: literatura francesa; mulher; loucura; silêncio; literatura e psicanálise;

Introdução

Le ravisement de Lol V. Stein, publicado em 1964, é um dos romances mais importantes e herméticos de Marguerite Duras. À primeira vista, a protagonista não passa de uma burguesa frustrada, abandonada pelo noivo. A ambigüidade da narrativa, entretanto, poderia esconder uma “doente mental” ou apenas uma mulher traída. É impossível defini-la, pois ela “escorre pelas mãos, como água” (DURAS, 1986, p.12). Sendo a personagem predileta da autora, é, sem dúvida, uma das mais fascinantes personagens de toda sua vasta obra.

Duras conta em entrevista que, para criar sua personagem, teria se inspirado em Manon – uma moça que conhecera em uma casa de saúde, por ocasião do Natal, em uma visita de caridade. Impressionada com seu olhar “vago” e seu silêncio, a moça serviu-lhe apenas como pretexto tendo, pois, inventado toda sua história, inclusive a origem de sua doença (ADLER, 1998).

A intriga simples poderia resumir-se em um romance triangular, uma sucessão de traições, “*un roman de midinette*”. Mas a Protagonista arrebatada, cativa e propõe ao leitor a decifração de seu mistério.

É justamente o texto de Duras, sua palavra que torna Lol misteriosa e sedutora. A estrutura fragmentária do romance, por vezes as lacunas deixadas pela autora ou sua sintaxe “retorcida”, atravancada ou “aos borbotões” exigem do leitor intensa participação com vistas à construção do significado. Para compreender este romance torna-se, pois, necessário, recorrer a outros saberes.

Em um ensaio em “homenagem” à autora por ocasião da publicação deste romance, Lacan analisa alguns de seus aspectos e reconhece, as relações entre a Literatura, no caso, a escrita de Marguerite Duras e a Psicanálise. Afirma o mestre:

¹ Maria Cristina VIANNA KUNTZ, Profa. Dra.

Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Dep. Língua e Literatura Francesa, cvkuntz@uol.com.br

[...] é de se lembrar com Freud que, na sua matéria, o artista sempre o precede, logo que não deve brincar o psicólogo onde o artista lhe abre a via.

É precisamente o que reconheço no *Arrebatamento de Lol V. Stein*, onde Marguerite Duras prova saber sem mim o que ensino (1989, p.125).

Apesar de Duras recusar-se a comentar essa interpretação por considerá-la proveniente de “um mestre”, fruto de uma ótica de “poder”, ela admite que muitos psicanalistas se interessam por sua obra, como Michelle Montrelay, Marcelle Marini, Fédida etc. Por outro lado em entrevista a Susanne Lamy, em Montréal, a autora confessa ter lido algo de Freud e ter conversado uma noite inteira com o próprio Lacan... (1981, p.61).

Portanto ante o hermetismo deste romance, pretendemos estabelecer alguns liames com base em conceitos freudianos e lacanianos, que, sem dúvida, facilitarão ao leitor o acesso ao mistério de Lol.

1. A fábula

Com dezenove anos, Lol é uma moça da sociedade burguesa que está noiva do filho de um rico proprietário. Em suas férias à beira-mar, em um baile no Cassino local, ela assiste impávida, estupefata, alguém roubar-lhe o noivo. Em Francês, *ravissement* quer dizer “rapto”, além de “deslumbramento”. Neste primeiro momento, tem-se, pois, a primeira acepção do título do romance.

Aniquilada pelo golpe, a protagonista é apoiada por uma amiga e socorrida pela mãe. Após um período de depressão, passividade e mutismo, de volta a sua cidade, Lol, pouco a pouco, começa a reagir. Em passeios a pé, a sós, conhece um rapaz que será seu marido.

A família “promove” o casamento e durante dez anos, ela parece levar uma vida “normal”. Lol tem duas filhas. Seu marido nela deposita total confiança porque pensa que aquele amor antigo jamais será substituído por outro.

Um dia, um casal passa em frente à antiga casa de seus pais, onde ela então, mora. Ela os vê; eles se beijam e depois comentam: “_ *Morte, peut-être*” (DURAS, 1964, p.38).² Perturbada, Lol segue-os até a periferia, a um Hotel que ela também conhecera outrora, na época de seu noivado.

Dias depois, ela vê aquele mesmo homem à saída de um cinema e o segue novamente até o mesmo Hotel. Observando a chegada da mulher, a mesma da outra vez, ela a reconhece como sua antiga colega de colégio, Tatiana, que também estivera junto dela no baile fatídico.

Lol ficará em frente ao Hotel, escondida na sombra, deitada na relva, a contemplar a janela iluminada do quarto onde se encontrava o casal.

No dia seguinte, localizará o endereço de Tatiana e lhe fará uma visita. Em sua casa, encontra o mesmo homem, Jacques Hold. Ao saber que sua amiga é também casada, imediatamente dá início a um jogo de sedução no qual é correspondida. Sendo médico, ele quer “descobrir” o mistério desta mulher.

Novamente, Lol assistirá ao espetáculo daquele encontro adúltero, mas desta vez, terá a cumplicidade de Jacques Hold. Depois, ela lhe pede que a acompanhe até a cidade do litoral, ao Cassino onde perdera o noivo. Entretanto ela não conseguirá reviver a emoção daquela noite inesquecível. Voltam para sua cidade e uma vez mais, deitada na relva, Lol contemplará o casal no Hotel.

² “_ Talvez tenha morrido” (DURAS, 1986, p.28).

2. Aspectos de uma interpretação psicanalítica

Nesta intriga simples, destaca-se a estranha atitude da protagonista. Já no primeiro capítulo, sua descrição revela uma frágil personalidade: indiferente a tudo, dissimulada, alguém que não se fixa e parece estar sempre ausente, alguém que sofria de uma **falta**:

Au collègue [...], il manquait quelque chose à Lol pour être – elle dit – là. Elle donnait l'impression d'endurer dans un ennui tranquille une personne qu'elle se devait de paraître mais dont elle perdait la mémoire la moindre occasion (DURAS, 1964, p.12).³

Portanto Lol não tinha consciência de si mesma desde os tempos de colégio. Nada mais é dito de sua infância, seja de seu relacionamento com o Pai, seja com irmão. Sua mãe interfere apenas por ocasião do baile e mais tarde, quando combina o casamento com o homem que Lol conhecera por acaso.

Após o trauma da noite do baile, a perda do noivo, Lol suplicava apenas “[...] un remède immédiat à ce manque” (p.23).⁴ Anuncia-se, assim, a extensão de uma falta que, vinda de longe, acentuava-se agora com o abandono e a depressão.

O narrador, que só mais tarde se identifica como Jacques Hold, repete algumas vezes a opinião de sua amiga: que Lol já trazia em si alguma coisa, alguma “doença” desde o tempo de colégio (p.12). Entretanto ele declara que se limitará a considerar apenas os aspectos que ela revelará a partir do momento em que a conhecera e que pretende desvendá-la até seu âmago:

Aplanir les terrains, le défoncer, ouvrir des tombeaux où Lol fait la morte, me paraît plus juste, du moment qu'il faut inventer les chaînons qui me manquent de l'histoire de Lol V. Stein [...] (DURAS, 1964, p.37).⁵

Como leitores, também nos limitaremos ao texto, e assim, acompanharemos o narrador no desejo de desvendar esse mistério, atraídos justamente pelo “*unheimlich*” da Protagonista e da palavra durassiana.

Após a cena do baile, o abandono por parte de seu noivo, Lol cai em extrema depressão: “*La prostration de Lol, dit-on fut alors marquée par des signes de souffrance [...]*” (p.23).⁶ Ela se entrega a um grande vazio, misto de apatia e mutismo, entremeados de gritos. Julia Kristeva explica, na perspectiva freudiana, que o luto, no caso, o abandono de Lol, acarreta a melancolia que pode chegar até a afasia, à inação, à passividade ou até a morte. Por outro lado, a depressão esconde uma agressividade contra o objeto perdido (1987). Assim aconteceu com Lol que, só após algum tempo, voltou ao **normal**: conservou-se dócil aos ditames familiares. Guardaria para mais tarde o “*craquement de glaces de l'hiver*” (p.34),⁷ quando aconteceria o encontro com Jacques Hold.

O casamento de Lol é contado laconicamente e com uma significativa ironia: “*Jean Bedford la demanda en mariage sans l'avoir revue*” (p.30).⁸ Ao final do capítulo, entretanto, adivinha-se a voz da autora que comenta, em tom sarcástico, essa

³ “No colégio, [...] já faltava algo a Lol para estar – ela diz: presente. Dava a impressão de tolerar num tédio tranqüilo uma pessoa com quem ela julgava ter a obrigação de parecer e de quem perdia a lembrança na menor oportunidade” (DURAS, 1986, p.8).

⁴ “[...] um remédio imediato para aquela falta” (DURAS, 1986, p.16).

⁵ “Aplanar o terreno, escavá-lo, abrir sepulturas onde Lol se finge de morta, parece-me mais justo, já que se faz necessário inventar os elos que me faltam na história de Lol V. Stein [...]” (DURAS, 1986, p.27).

⁶ “A prostração de Lol, dizem, foi marcada então por sinais de sofrimento” (DURAS, 1986, p.16).

⁷ “[...] o primeiro estalido do gelo no inverno” (DURAS, 1986, p.24).

⁸ “Jean Bedford pediu-a em casamento sem voltar a vê-la” (DURAS, 1986, p.21).

união. Ela distorce os motivos denunciando, desta forma, a submissão da mulher a uma sociedade regida por aparências:

Ainsi Lol fut mariée sans l'avoir voulu, de la façon qui lui convenait, sans passer par la suvagerie d'un choix, sans avoir à plagier le crime qu'aurait été, aux yeux de quelques uns, le remplacement par un être unique du partant de T. Beach et surtout sans avoir trahi l'abandon exemplaire dans lequel il l'avait laissé (DURAS, 1964, p.31).⁹

Anunciando a submissão da Protagonista ao marido, o narrador refere-se uma única vez ao seu nome completo; um nome significativo que lembra “valeriana” e corresponde à sua personalidade dócil:¹⁰ “[...] *Lola Valérie, cette calme présence à ses côtés, cette dormeuse debout, cet effacement continuuel [...], la douceur de sa femme*” (DURAS, 1964, p.33).¹¹ A passividade de Lol não deixava transparecer o que estava lá “*en souffrance*”, ou seja, o que ela trazia bem guardado “na outra cena”:

Le bal tremblait au loin, ancien, seule épave d'un océan tranquille, dans la pluie, à S.Tahla. [...] Elle, elle pénètre dans la lumière artificielle, prestigieuse du bal de T.Beach. Et dans cette enceinte largement ouverte à son seule regard, elle recommence le passé, elle l'ordonne, sa véritable demeure (DURAS, 1964, p.45-46).¹²

Aparentemente tudo estava em ordem. Sua casa, porém, se transformava em “[...] *scène vide où se jouait le soliloque d'une passion absolue [...]*” (DURAS, 1964, p.34).¹³ Portanto a chama da paixão frustrada conservava-se latente e somente ao vislumbrar a cena amorosa daquele casal que passa defronte a sua casa, dá-se o encontro com o Real, a “Tiquê” conforme Lacan (1988, p.56). Então ela projetará sobre a mulher a raiva de quem lhe roubara o noivo naquela noite. Instala-se em Lol um desejo, misto de vingança que a levará à ação: “*Ç'avait été indéniablement, déjà, avec une partie de sa raison retrouvée qu'elle avait acueilli la chose, le juste retour des choses, la juste revanche à laquelle elle avait droit*” (DURAS, 1964, p.25).¹⁴

O clímax do romance será a cena do “campo de centeio”, em frente ao hotel. Esta se torna praticamente autônoma, tal é a força que dela se desprende. Lol sabe que o casal está no quarto, mas ela só pode ver a janela iluminada como se fora uma tela cinematográfica à qual olha fixamente.

Seria, pois, um devaneio de Lol ao contemplar/ imaginar o casal no quarto, uma vez que ela pouco vê, além da **mancha** iluminada. Sabemos que o devaneio corresponde ao **sonho** em estado de vigília, portanto seria a realização do desejo do sujeito: Lol assiste à cena que não chegou a vivenciar em razão de seu abandono. É a renovação do relacionamento entre Lol e seu noivo, Michael Richardson, uma vez que, neste mesmo hotel, costumavam encontrar-se.

⁹ “Assim, Lol casou-se sem querer, da maneira que lhe convinha, sem passar pela selvageria de uma escolha, sem ter de plagiar o crime que teria sido, aos olhos de alguns, a substituição daquele que partiu de T. Beach por um ser único e principalmente sem ter traído o abandono exemplar em que ele a tinha deixado” (DURAS, 1986, p.22).

¹⁰ Valeriana é o nome de uma planta que tem efeito calmante.

¹¹ “[...] *Lola Valérie, aquela calma presença a seu lado, aquela adormecida de pé, aquele apagamento contínuo [...], a doçura de sua mulher*” (DURAS, 1986, p.24).

¹² “O baile tremia ao longe, velho, único destroço de um oceano agora tranqüilo, na chuva, em S. Thala. [...] E nesse recinto amplamente aberto, apenas para seu olhar, recomeça o passado, ordena-o, sua verdadeira casa, arruma-a (DURAS, 1986, p.33).

¹³ “[...] o palco vazio onde se representava o solilóquio de uma paixão absoluta [...]?” (DURAS, 1986, p.24)

¹⁴ “Tinha sido inegavelmente, já com uma parte da razão recuperada que ela tinha acolhida a coisa, a justa revolta das coisas, a justa desforra a que tinha direito” (DURAS, 1986, p.17).

Por outro lado, dá-se a representação do *dévêtissement* (desvestimento, desnudamento) de Anne-Marie, a mulher que lhe roubara o noivo. O **deslocamento** se dá na substituição do noivo por Jacques Hold e de Anne-Marie por Tatiana.

Além disso, esta cena constituiria uma prefiguração dos momentos amorosos que Lol viverá com Jacques Hold. Ela contemplará também a reduplicação do que assistira no baile: o outro casal. Tem-se o mesmo, disfarçado ou modificado. É a **condensação** de todo o drama de sua vida.

Forma-se, então, um grande emaranhado: o futuro baseia-se em um momento passado que, ao mesmo tempo, se realiza no presente. Passado, presente e futuro se confundem, se entrelaçam acenando para um significado atemporal, fundamental. Neutraliza-se o tempo, intensifica-se e eterniza-se o momento.

Manifesta-se o que estava **escondido**, e em conseqüência, o cerne do romance explicita-se iluminando-o por inteiro. Esse devaneio de Lol, na verdade, é o seu momento de catarse, sendo também o momento-chave do romance, o seu deslumbramento: o *ravissement de Lol V. Stein*. Assistindo a uma relação amorosa, ela vive o que não vivera com o noivo. Esta sua experiência revigora sua disposição para a vida à medida que se desliga de seu casamento e tenta libertar-se do abandono em que o noivo a deixara.

Na cena do campo de centeio, Lol parece espelhar-se naquilo que vê/ não vê/imagina. Ao contemplar a janela iluminada, cena vazia de uma relação impossível, de uma ausência antiga, imagina as carícias, o entrosamento entre Jacques Hold e sua amante. Sobretudo, ao ver Tatiana passar pela janela algumas vezes, aumenta seu desejo de possuir a mesma sensualidade: “[...] *nue dans sa chevelure noir*” (p.64).¹⁵ Em seu ensaio sobre o romance, Lacan interpreta essa visão: “[...] *estas palavras na boca de Lol geram a passagem da beleza de Tatiana à função de mancha intolerável que pertence ao objeto*” (1989, p.127).

A ambivalência se instala uma vez que Lol tenta projetar-se na antiga amiga dos tempos da escola, como em um espelho, embora seja Tatiana “mancha intolerável”; Lol reconhece-se, vê-se na outra e parece reconstituir, assim, sua identidade que se despedaçara no momento do trauma, naquele baile.

Sua identificação com Tatiana se intensifica e é incentivada por Jacques Hold quando Lol parece duvidar de si mesma. Ao final do romance ela dá a si própria, ambos os nomes (DURAS, 1964, p.188-189).

Lacan explica que é após desenvolver a capacidade de reconhecer-se no espelho, por volta dos dezoito meses, que a criança começa a constituir-se como sujeito.¹⁶ Considerando-se essa contemplação quase doentia, no mínimo estranha, Lol, traumatizada pelo golpe sofrido anteriormente, parece transformar-se, no sentido de arrojarse mais, mudar sua atitude apática, a postura de “*dormeuse debout*”. É depois do “*ravissement*” que Lol, saindo da passividade, terá coragem para visitar Tatiana e declarar seu amor a Jacques Hold.

Além disso, esta cena pode ser considerada como uma revisão da cena primitiva que, segundo Freud, constitui marca indelével no inconsciente da criança e guarda, para sempre, o mistério da união sexual: não tendo maturidade para absorver seu significado, poderá constituir-se em motivo de angústia para a criança.¹⁷

¹⁵ “[...] nua em sua cabeleira negra” (DURAS, 1986, p.47).

¹⁶ cf. LACAN, Jacques. “*Il y suffit de comprendre le stage du miroir comme une identification au sens plein, à savoir la transformation produite chez le sujet quand il assume une image*”. *Le Stade du miroir. Ecrits*, v.I, Paris : Seuil, 1966, p. 90.

¹⁷ cf. FREUD, Sigmund. *La sexualidade infantil. Fragmento de un caso de histeria (Dora). Três ensaios de teoría sexual* (1901-1905). *Obras Completas*. v.VII, Buenos Aires : Amorrortu, 2000, p.178.

Vemos, pois, que Lol perseguirá seus dois fantasmas (manchas) configurados na sombra do baile e da mulher que lhe roubara o noivo, agora projetada na cabeleira negra e sensual de Tatiana. Mas Lacan lembra ainda que o olhar, enquanto objeto “a”, pode vir a simbolizar a “falta central”, isto é, o fenômeno da castração (1988, p.77).

Para Michel David, esta cena é ainda: “*Le réel de la Chose, offerte au spectacle du monde dont Lol se repaît, le retour dans le réel du vide, du trou de la signification (phallique)*” (2005, p.55).¹⁸

Assim, vemos a riqueza polissêmica desta cena que é fundamental no romance e que estigmatizará para sempre esta protagonista como “*la femme du champ du seigle*” (DURAS, 1964, p.166).¹⁹

Em “A esquizo do olho e do olhar”, Lacan ressalta a pré-existência de um “dado-a-ver”, isto é, a mancha que atrai o olhar, porque “ela mostra”, e na vigília, “isso olha e mostra”; mas ao mesmo tempo, “essa função da visão se satisfaz consigo mesma, imaginando-se como consciência” (1988, p.75). Por isso Lol voltará outras vezes ao campo de centeio (é a repetição) e não conseguirá aprofundar sua relação com Jacques Hold. Ela jamais poderá reconstituir a cena do baile porque, dada a função evanescente do olhar, Lol se contentará em ver e continuará ignorando o que existe “além da aparência”.

O próprio narrador/ personagem indica a impossibilidade de reconstruir o passado através de um paradoxo: “*Elle peut revoir indéfiniment ainsi, revoir bêtement ce qui ne peut pas se revoir*” (DURAS, 1964, p.181)²⁰. No Cassino de T.Beach, local do baile, onde volta em companhia de Jacques Hold, Lol tenta reviver a emoção daquele trauma, provavelmente para extirpá-lo de vez e apagar a “mancha intolerável”.

Traduzindo a amplitude da dor de Lol, de sua cicatriz, de sua cena traumática, Lol revê/ tenta rever “*indéfiniment*”. É o resto que jamais se extinguirá. A hesitação (“*peut...ne peut pas*”) aponta para o laivo de vislumbre que se esconde na alma, na memória incapaz de recriar o que passou: desejo impossível, desejo infinito.

O próprio narrador não consegue reconstruir a cena do baile, mas projeta-se na memória apagada de Lol, no infinito da escritura: “[...] *la fin sans fin, le commencement sans fin de Lol V.Stein*” (DURAS, 1964, p.184),²¹ de onde virão outras personagens, talvez aparentadas a Lol.

Conclusão

Novamente no campo de centeio, a cena final mostra a impossibilidade de curar Lol. Ela se entrega à passividade e remete ao comentário inicial do romance: “*morte, peut-être*”.

Portanto a *jouissance* (gozo) de Lol não é de uma *voyeuse*, mas de alguém que contempla o próprio amor, seu sonho de completude e ainda prevê a própria morte. Porque Lol, ao final da cena, será apenas “*une tache sombre dans le seigle*” (DURAS, 1964, p.65).²² Amor, gozo e morte unem-se em um só espetáculo.

A repetição das cenas no campo de centeio (cinco vezes), bem como as três referências ao baile, criam no leitor uma familiaridade que, se por um lado amplia o

¹⁸ O real da Coisa, oferecida ao espetáculo do mundo do qual Lol se nutre, o retorno ao real do vazio, do buraco da significação fálica.

¹⁹ “a mulher do campo de centeio” (DURAS, 1986, p.125).

²⁰ “Ela pode rever indefinidamente assim, rever estupidamente o que não se pode rever” (DURAS, 1986, p.137).

²¹ “[...] o fim sem fim, o começo sem fim de Lol V. Stein” (DURAS, 1986, p.140).

²² “uma mancha escura no centeio” (DURAS, 1986, p.48).

significado do romance, por outro lado parece diminuir a estranheza da cena do *ravissement*.

Com um sentido misterioso, inesperado, a cena do campo de centeio se afirma como um nó da narrativa e corresponderá ao nó da história de Lol. O mistério se torna luz, o “*unheimlich*” se torna “familiar” (FREUD, 1985).

Então, ressaltar-se-á a significância do romance à medida que o leitor, ao aproximar-se do trauma da protagonista, percebe o quanto dessa estranheza lhe é “conhecida”. Por isso mesmo, Lacan, ainda em sua “Homenagem” à autora, aponta para a possibilidade de ser o leitor fisdado:

Arrebatamento (*ravissement*) – esta palavra cria um enigma. É objetivo ou subjetivo, na medida em que Lol V. Stein o determina.

Arrebatadora é também a imagem que nos vai impor esta figura de ferida, de exilada das coisas, que não ousa tocar, mas que faz de nós sua presa. [...]

Esta arte sugere que a arrebatadora é Marguerite Duras, nós os arrebatados (1989, p.123).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADLER, Laure. *Marguerite Duras*. Paris: Gallimard, 1998.
- DAVID, Michel. *Le Ravissement de Marguerite Duras*. Paris: L'Harmattan, 2005.
- DURAS, Marguerite. *Le Ravissement de Lol V. Stein*. Paris: Gallimard, 1964.
- DURAS, Marguerite. *O Deslumbramento*. Trad. Ana Maria Falcão, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- FREUD, Sigmund. *Escritores Criativos. Gradiva de Jensen e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
-*A Interpretação dos Sonhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1999.
-*”L’Inquiétante Étrangeté” et autres essais*. Paris : Gallimard, 1985
- KRISTEVA, Julia. La maladie de la douleur. In *Soleil Noir : Dépression et Mélancolie*. Paris: Gallimard, 1987.
- LACAN, Jacques. *Seminário XI*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
-Le stade du miroir. In: *Ecrits I*. Paris : Seuil, 1996.
-Homenagem a Marguerite Duras pelo *Arrebatamento de Lol V. Stein*. In: *Shakespeare, Duras, Wedekind, Joyce*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1989.
- LAMY, Susanne. Interview du 12 Avril à Montréal et du 18 Juin 1981 à Paris. In: LAMY, Susanne, ROY, André (Org.). *Marguerite Duras à Montréal*. Montréal: Spirale/Solin, 1981.